

A PSICOLOGIA COMO MEDIADORA NA FORMAÇÃO DE JOVENS LEITORES

Ana Cláudia Fagundes Miguel de Souza

Universidade Estadual Paulista
anaclaudiafagundes2@hotmail.com

Gabriela de Sousa Gibim

Universidade Estadual Paulista
gabigibin@hotmail.com

Cláudia Aparecida Valderramas Gomes

Universidade Estadual Paulista
cabegomes@uol.com.br

Resumo

Este texto relata o trabalho realizado por graduandas de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp, por meio de uma experiência de ação mediadora do contato de adolescentes com a leitura, realizada entre 2013-2014 em uma entidade assistencial. Para tanto, optou-se pela Psicologia Histórico-Cultural e por elementos da pedagogia de Paulo Freire como referências teóricas para as ações práticas: oficinas que abordaram a leitura de maneira alternativa ao modelo escolar tradicional, possibilitando a compreensão deste campo de saber por meio da relação interpessoal grupal. Os resultados desta experiência indicam que a Psicologia pode contribuir como mediadora em espaços educativos valorizando e enriquecendo a relação com esse elemento fundamental da cultura humana que é a leitura. Outrossim, reitera-se a importância de o psicólogo conhecer as limitações das práticas escolares tradicionais, que têm comprometido a formação crítica dos estudantes, de modo a poder contribuir para a mudança desse quadro.

Palavras-chave: Psicologia. Leitura. Adolescentes.

PSYCHOLOGY AS A MEDIATOR IN THE EDUCATION OF YOUNG READERS

Abstract

This text reports an activity performed by Psychology undergraduate students at College of Sciences and Languages, São Paulo State University, Assis campus, through an experience of mediation of a contact between young students and reading practice. It was performed in 2013-2014 in a social support entity. In order to this, historical-cultural psychology and Paulo Freire's pedagogy elements were chosen as theoretical references for practical activities: workshops that addressed an alternative method for reading compared to the traditional school model, making the understanding of this knowledge field possible through a group-interpersonal relationship. Results of this experience indicate that Psychology can contribute as a mediator in educational environments. It enhances the relationship with reading, an essential aspect of human culture. Furthermore, the importance for a psychologist to know the boundaries of traditional school practices is emphasized, as they have impaired critical formation for students so that they end up being not able to change this situation.

Keywords: Psychology. Reading. Adolescents.

LA PSICOLOGÍA COMO MEDIADORA EM LA FORMACIÓN DE JOVENS LECTORES

Resumen

Este texto expone el trabajo realizado por estudiantes de Psicología en la Facultad de Ciências y Letras Unesp/Assis, mediante la experiencia de acción mediadora del contacto de los adolescentes con la lectura ejecutada entre 2013 - 2014 en una entidad social. Para eso, se optó por la Psicología Histórico-Cultural y por puntos de la pedagogía de Paulo Freire como referencias teóricas para las prácticas: talleres que abordaron la lectura de forma distinta al modelo de la escuela tradicional, estableciendo posible noción del campo de lo saber por medio de relación interpersonal grupal. Los resultados indican que la Psicología puede ayudar como mediadora en campos educativos mejorando el vínculo fundamental de la cultura humana que es la lectura. Por fin, reitera la importancia del psicólogo de conocer las limitaciones de las prácticas escolares tradicionales, que han comprometido con la formación crítica de los estudiantes con el fin de ayudar a cambiar esta situación.

Palavras clave: Psicología. Lectura. Adolescentes.

INTRODUÇÃO

As questões que envolvem a apropriação e o desenvolvimento da linguagem oral, bem como da leitura e da escrita pelos seres humanos fazem parte do universo pesquisado por estudiosos de diversas vertentes da Psicologia, que contribuem grandemente para endossar as discussões a respeito desse tema junto a profissionais de outras ciências como a Antropologia, a Linguística e a Pedagogia.

Um dos pensadores que se debruçou sobre essas questões foi o bielo-russo Lev Semionovich Vigotsky (1896-1934) que, a partir de seus estudos, pôde compreender a importância da linguagem para a construção do pensamento na infância e das interações sociais no processo de desenvolvimento intelectual. Para esse autor, o meio no qual estamos inseridos e os aspectos culturais que permeiam esse espaço constituem uma enorme contribuição ao nosso processo educativo, à construção de nossa personalidade e das funções psicológicas superiores (VIGOTSKI, 1995).

A concepção de um sujeito histórico cultural defendida por Vigotsky nos traz elementos significativos para compreender, de maneira ampliada, a relação do sujeito com o mundo e o papel da mediação no processo de aquisição de conhecimentos. Para este autor, é por meio de processos mediadores que nos apropriamos da cultura humana e passamos a interagir com a realidade que nos cerca estabelecendo relações que são de grande importância para nossa formação como sujeitos.

Em nossa sociedade, a escola se coloca como a principal mediadora do processo educacional das crianças, responsável por cumprir, através de suas práticas, o papel de individualizar o ser humano e prepará-lo para uma vida autônoma. A mediação no campo da leitura é o tema central deste artigo e pode-se dizer que é também uma das principais contribuições da escola no processo de individualização do sujeito.

A leitura é fundamento do processo de alfabetização, da conquista da cidadania e da participação social, portanto ela não se resume a decodificação de símbolos do alfabeto. A apropriação da leitura “envolve o domínio de um conjunto de práticas culturais que exigem uma compreensão de mundo diferente daquela dos que não tem acesso à mesma.” (RAUEN, 2007. p.10).

Apesar de toda a importância que envolve o ato de ler, é notável dentro do ambiente escolar o discurso desestimulante acerca de sua prática. Nas escolas, observamos o crescente esvaziamento de sentido que a alfabetização aparentemente cumpre para os jovens já inseridos no

A psicologia como mediadora na formação de jovens leitores

mundo dos alfabetizados, que não dependem mais da voz de outro para decodificar os símbolos criados pela sua cultura, mas que também muitas vezes não são cientes da importância dessa ferramenta como mediadora do sujeito com o mundo a sua volta (ZIBERMAN, 1993).

Decorrente da educação bancária, verticalizada e anti-dialógica, a que fomos submetidos, que coloca os alunos na condição de meros ouvintes (FREIRE, 1989), a escola acaba, por vezes, cumprindo o papel de simples reprodutora dos interesses dominantes. Nessa estrutura vigente, o estímulo à leitura prazerosa não se faz necessário, ao contrário, somos estimulados a ler por outra razão: pela cobrança que o futuro nos exigirá em exames, avaliações e testes para a inserção no mercado de trabalho. Assim também são os livros, estes desempenham no cotidiano escolar uma função imediatista, sua importância se justifica pelo cumprimento de fichas de leitura ou pela promessa de que estes farão sentido em um futuro distante, em provas de vestibular ou concursos de redação.

Conseqüentemente, não há lugar para o estímulo às experiências de leitura que se relacionem com a realidade presente do leitor, que respeite sua relação individual com o livro e que a incentive para além dos paradigmas escolares. Nesse mesmo sentido, jornais e revistas entram no ambiente escolar dissociados de suas funções primeiras: informar e formar opiniões. No lugar disso, têm seus pronomes recortados e seus artigos separados em definidos ou indefinidos, por exemplo. Não há estímulo a uma leitura crítica de suas partes ou a compreensão do envolvimento ideológico presente nos recortes jornalísticos e assim, o ato de ler fica desligado de seus aspectos culturais e sociais, o que dificulta ao leitor estabelecer um diálogo com aquilo que foi lido, situação que muitas vezes se mantém no decorrer dos anos escolares. Como afirma Gomes e Mello (2007, p.31).

Na escola, a leitura ainda se pauta pela linearidade, como um objeto descolado das mudanças sociais, apreendido por meio da reprodução mecânica das grafias e sons que, ao se agruparem, formam as palavras e as frases. Nessa forma de conceber a leitura, a materialidade do som, expressa na sua manifestação, é tomada como um elemento que define se a criança sabe ou não ler; aqui a expressão oral é sinônimo de leitura.

Contrário às práticas supracitadas há diversos autores que compreendem que o universo da linguagem é vasto e não se restringe a leitura escrita (FREIRE, 1989; ARENA, 2010; KLEIMAN, 2002; MARTINS, 1994). Em seus estudos assinalam que podemos ler um gesto, uma paisagem, um olhar, o tempo e que, de acordo com a experiência do sujeito haverá interpretações diversificadas de uma mesma realidade (MARTINS, 1994). Assim, leitura se



A psicologia como mediadora na formação de jovens leitores

constitui como um modo de aprimorar as formas de pensar a realidade mais profundamente, de elaborar o pensamento abstrato e de construir sentido (ARENA, 2010).

A aproximação a essas outras formas de conceber a leitura justificou a elaboração de uma proposta diferenciada, tratando a leitura como ato de ler. Para tanto, adotamos a concepção de leitura de acordo com Martins (1994), que a compreende como um processo dialético entre vários componentes: sensitivos, emotivos, intelectuais, culturais, econômicos, políticos e biológicos e a linguagem como produto do saber humano, que é possuído de uma história e estabelece uma relação histórica entre aquilo que é externo e quem o lê. “Ninguém ensina ninguém a ler, o aprendizado é, em última instância, solitário, embora desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo.” (MARTINS, 1994, p.12).

Segundo este raciocínio, o leitor pré-existe à descoberta dos significados dos signos e, por tal motivo a leitura não é um processo unicamente restrito a decodificação de sinais, mas se efetua no momento em que cada sujeito realiza sua primeira leitura no mundo, que inclui desde os primeiros elementos da relação mãe – bebê e posteriormente essa leitura segue por meio da mediação do indivíduo com o mundo social e cultural realizada através de outros indivíduos.

Compreender o processo por meio do qual uma pessoa se insere no universo da leitura e analisar o modo como um indivíduo começa a se interessar pelos livros sugere que “(...) O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim várias motivações e interesses que correspondem à sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual.” (BAMBERGER, 2001, p 31). Isso nos indica que devemos pensar o processo de leitura numa perspectiva abrangente que abarque os componentes cognitivos, afetivos, históricos e culturais envolvidos, e é por tal motivo que as contribuições da psicologia importam a esse campo.

É nesse contexto que transcorreram os trabalhos desenvolvidos por duas graduandas de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis-SP, junto ao Programa Núcleos de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP em um estabelecimento socioassistencial do município. O objetivo era propor a um grupo de adolescentes a prática da leitura de maneira crítica e participativa e sensibilizá-los para a diversidade de leituras possíveis do mundo e para a importância de perceber tais possibilidades. Os encontros eram realizados semanalmente e abordavam diferentes modos de interagir e compreender a leitura, sendo possível a utilização de filmes, poesias, contação de histórias, relatos de vida, fotografias, recortes jornalísticos e outros, de tal modo que fossem abordadas experiências com a leitura aproximando-a, num primeiro momento, da realidade presente dos adolescentes frequentadores das oficinas, objetivando



explorá-la como ferramenta mediadora entre os mesmos e a realidade social, histórica e cultural. Interpor novas possibilidades de leitura e discutir sobre diferentes formas de apreender o mundo por meio da cultura humana seja da música, das artes visuais ou da leitura de textos literários e não-literários, foi uma forma de conduzir os trabalhos tendo em vista aproximar o sujeito do conhecimento construído historicamente.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto intitulado pela instituição como O mundo e suas possibilidades de leitura foi realizado por duas estudantes de psicologia por meio de oficinas semanais de uma hora e trinta minutos, durante 2013 e 2014 nas dependências de um estabelecimento socioassistencial que tinha como objetivo o encaminhamento de adolescentes para o mercado de trabalho e a preparação cidadã. As oficinas de leitura constavam de um projeto da entidade de disponibilizar atividades de caráter cultural para os seu público, nesse caso, em parceria com o Programa Núcleos de Ensino da Universidade Estadual Paulista – UNESP – que preconiza um trabalho direcionado às escolas e/ou estudantes da rede pública.

Desse modo, esse relato é uma síntese das experiências desse período, em especial, do grupo que encerrou suas atividades no final de 2014. Ao todo cerca de vinte e sete adolescentes participaram das oficinas no biênio 2013-2014. A última turma contou com a participação contínua de dez adolescentes com idades entre quinze e dezessete anos aproximadamente, de ambos os sexos e estudantes de escolas públicas de Assis-SP.

Para alcançar o objetivo principal de desenvolver a atividade da leitura de maneira crítica e participativa, estruturou-se outros objetivos específicos, tais como: propor estratégias de ação que incentivassem os adolescentes a realizar diferentes modalidades de leitura e estabelecer vínculos consistentes entre os participantes, de tal forma que fosse possível conhecê-los, pois se defendia a importância da elaboração conjunta das oficinas de leitura, possibilitando meios para que todos contribuíssem com o processo, sentindo-se participante dele e, assim, se apropriando efetivamente da leitura em uma relação mediada pelas estudantes de psicologia, pelo próprio grupo e pelos meios utilizados para acessá-la. Assim, se pode afirmar que o método consistia na compreensão dos saberes que os adolescentes traziam sobre o que entendiam por leitura, na compreensão de seus anseios e, por fim, na elaboração de estratégias para abordar a leitura com base nessa coleta de informações. Cabe esclarecer que o método empregado se apoiou nos



A psicologia como mediadora na formação de jovens leitores

princípios orientadores do Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA (BRASIL, 2012) que prevê dentre outros direitos, a liberdade de opinião e expressão, o respeito e à dignidade das crianças e adolescentes.

Os primeiros encontros foram reservados para que todos pudessem expor abertamente ao grupo seus interesses pessoais. Para tanto foram utilizadas dinâmicas e discussões em pequenos grupos, como forma de mediar essa etapa do processo, que tinha a intenção de identificar temas geradores para a proposição de futuros trabalhos (FREIRE, 1989). Era fundamental que os temas das atividades propostas durante os encontros se aproximassem do conhecimento e interesse de todos e que, de alguma forma, dialogassem com sua própria biblioteca vivida segundo Ferreira (2009), de tal modo que a leitura pudesse auxiliar na ampliação da sua maneira de pensar o mundo e que, além disso, pudessem descobrir que esta poderia ser uma atividade prazerosa. Os temas escolhidos por eles apresentavam ora características mais gerais como amizade, ora mais específicas de uma determinada área, como os jogos eletrônicos. Os temas selecionados no segundo semestre de 2014 versaram sobre atividades esportivas (academia, esportes), saúde, alimentação, música, jogos eletrônicos, mitologia, artes, eletrônica, família, liberdade, amizade e drogas.

A partir dos assuntos destacados, eram elaboradas atividades que envolviam a leitura em seu mais amplo entendimento, abarcando atividades sensitivas (como a resignificação de objetos, de paisagens cotidianas, de sons e imagens), textuais (como interpretação e elaboração de textos) e de comunicação (tal como atividades que exigissem trabalho em equipe, capacidade inventiva e expressão corporal) dos participantes. Foram utilizados roteiros de peças teatrais de diferentes gêneros, mímicas, textos de suspense, informativos, contação de histórias, fotografias, atividades físicas, dinâmicas que valorizassem o contato, materiais recicláveis e massa de modelar para a produção de objetos, além de atividades práticas que exigissem observação, concentração e interpretação. Utilizaram-se também recursos audiovisuais como filmes, músicas e vídeos disponíveis na internet.

As atividades sugeridas favoreceram o contato com diferentes gêneros textuais, produções artísticas e permitiram a utilização de diversos espaços da instituição como a biblioteca, o pátio, a cozinha e as ruas próximas, a fim de diferenciar as atividades daquelas executadas, rotineiramente, em salas de aula e dar mais autonomia ao grupo. Também foi possível promover atividades externas, tais como a visita a uma exposição de arte realizada na cidade; a organização de um sarau e a vivência de utilização da cozinha para desenvolver uma receita culinária.



A forma de organização do trabalho consistia na divisão dos encontros por conjunto de temas, para cada um dos temas era destinada uma média de três oficinas que versavam sobre assuntos previamente determinados. Por exemplo, ao escolherem o tema atividades esportivas, um conjunto de três encontros era destinado à efetivação de atividades sobre o assunto, como fisiologia do corpo nas atividades físicas, popularidade da academia nos tempos atuais com conseqüências para o corpo feminino e masculino e políticas de alimentação saudável. A organização dos encontros era feita em coparticipação com os adolescentes; destacavam-se alguns pontos mais pertinentes ao tema e, no decorrer desses encontros, se realizava uma abordagem que incluía a leitura mais detalhada do assunto.

RESULTADOS E ANÁLISES

Apesar da pluralidade de pensamentos e opiniões sobre o universo da leitura apresentados inicialmente, os adolescentes que demonstravam desinteresse à leitura num primeiro momento passaram, aos poucos, a compreender sua importância percebendo-a de outro modo, diferente daquele a que estavam acostumados. No início, eles julgavam o ambiente das oficinas como um lugar para suplantar suas dificuldades com a leitura e a escrita, não superadas até então. Ao mesmo tempo, demonstravam aversão à leitura de textos impressos, à proposição e/ou elaboração de comentários sobre o que seria lido, dentre outras atividades que se assemelhavam ao modelo escolar tradicional.

À parte dessa queixa, demonstravam maior interesse por atividades em que eles pudessem expor suas vivências, atividades que funcionavam como gatilhos para debater sobre seus dramas cotidianos, utilizando para tanto outras formas de leitura, como as audiovisuais. Interessavam-se também por atividades que envolviam a música e por aquelas por meio das quais eles pudessem se colocar em movimento.

Foi possível perceber que, inicialmente, os participantes estranhavam tal método de trabalho, pois segundo o relato de um deles, isso não acontecia com frequência na sua vivência escolar e aquilo que se fazia nas oficinas “parecia mais com um grupo de amigos”. Em meio às queixas, desejos e necessidades, mediar o envolvimento dos jovens com o universo da leitura foi um grande desafio. Apesar disso, o projeto conquistou a adesão dos adolescentes a participar das oficinas, propondo atividades que os estimulassem e possibilitassem manifestar suas opiniões, de



A psicologia como mediadora na formação de jovens leitores

tal maneira que eles pudessem ser protagonistas de seu desenvolvimento como futuro leitores contribuindo para com a efetividade do trabalho.

Ainda no que tange aos resultados, tendo em vista as respostas e observações dos comportamentos dos adolescentes em relação ao andamento das atividades, foi possível verificar a alta frequência daqueles participantes que se comprometeram a participar desde o primeiro dia de encontro, o engajamento nas atividades propostas e a proposição de sugestões e críticas durante as oficinas, além de indicativos e demonstrações de cooperação no trabalho, que culminaram em um sentimento de pertença de cada participante àquele grupo. Também revelaram que, por meio das ações realizadas durante os encontros, cada jovem pôde experienciar maior ou menor afinidade diante das leituras apresentadas colocando-se como participante ativo nesse processo.

As oficinas possibilitaram aos jovens aproximar-se de diferentes atividades que fomentaram novas concepções e práticas acerca da leitura, denotando maior receptividade e engajamento na realização das mesmas. Por exemplo, ao se utilizar o multimídia, por meio da apresentação do filme o “Besouro” e do documentário “Muito além do peso”, foi possível discutir a indústria do cinema, a cultura brasileira, nossos hábitos, as questões do mercado contrárias aos nossos interesses pessoais, entre outros. Com a implantação desta forma de trabalho se conseguiu desmistificar o lado entediante da leitura – tão presente no discurso dos jovens – e demonstrar aos participantes que a leitura está inscrita em todos os setores de nossa vida.

Também foi observado o despertar do interesse sobre assuntos mencionados nas leituras realizadas durante as oficinas. Alguns integrantes escolheram livros da biblioteca da entidade ou da escola que eles frequentavam para serem lidos em suas residências, e nos encontros subsequentes comentavam a respeito do livro ou sobre algum assunto pertinente ao tema do encontro para os demais colegas.

A comunicação por meio das redes sociais aproximou os participantes entre si e favoreceu a divulgação de conteúdos relacionados com a temática da leitura. Essa foi uma experiência que mostrou o lado positivo do uso dessa ferramenta para o trabalho com o grupo como apontado em outros estudos (FREITAS, 2005). Ademais, aos poucos foi possível perceber a preocupação quanto aos significados das palavras, aos conceitos expressos nos textos apresentados e na livre iniciativa de comentar suas interpretações e realizar leituras em voz alta, pois no início poucos participantes sentiam segurança e vontade para efetivar tal atividade,



A psicologia como mediadora na formação de jovens leitores

comportamentos que foram sendo transformados no decorrer dos encontros, à medida que eles interagiam com os demais integrantes.

A inserção de atividades de leitura com o suporte de letras de músicas, apresentação de filmes, livros e revistas, levou os participantes a se mostrarem menos resistentes, na medida em que as noções de leitura e de texto apresentadas iam ao encontro da visão de mundo deles. Ao longo desse processo, foi possível observar uma aproximação a textos mais complexos, que exigiam habilidades para discriminar a veracidade dos assuntos, tornando-os leitores autônomos e críticos, potencialmente aptos a interferirem neste mundo, a partir da escrita e de seu posicionamento verbal.

Por fim, é importante destacar que houve dificuldades quanto à identificação de produção científica que relacionasse essa temática ao público-alvo do projeto. Verificou-se na literatura um expressivo número de publicações que tratam do incentivo a leitura circunscrita ao público infantil, além disso, essa busca também tornou evidente práticas pedagógicas que, por vezes, afastavam a leitura de seu caráter de expressão cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas de leitura realizadas junto ao público adolescente na entidade no biênio 2013-2014 se apresentaram como um trabalho relevante para o estudo sobre os processos de apropriação-objetivação da leitura (VYGOTSKI, 1995). As ações indicaram a necessidade de realizar um estudo exploratório sobre o contexto das escolas públicas e dos métodos de ensino empregados para a efetivação dessa atividade.

Um dos aspectos comprovados foi a carência de estímulo à leitura para as turmas de ensino médio, visto que apesar de os integrantes das oficinas não se considerarem bons leitores e apresentarem dificuldades com este tipo de atividade – identificado pela necessidade de recorrerem a livros ilustrados ou com um número reduzido de páginas, ou mesmo de julgarem a capa como único critério de escolha para realizarem a leitura – o exercício da leitura ainda se encontra adstrito ao segmento do ensino fundamental.

Com essa intervenção foi possível reconhecer, nos participantes, um esvaziamento do sentido da leitura como parte integrante de suas vivências em relação à realidade que os cerca, escolar ou não. Concebida pelos mesmos, tão somente, como parte integrante do tripé “falar, ler



A psicologia como mediadora na formação de jovens leitores

e escrever” a ideia de leitura se assentava na lógica: “eu leio para aprender a escrever e a falar melhor”.

Contrariando essa percepção, a psicologia entende que a leitura deva ser considerada como um dos mediadores centrais no processo de humanização do sujeito. Assim, conforme o modelo de atenção proposto nesse trabalho, ao tomar conhecimento dos significados e sentidos que cercam a leitura para um determinado público e contexto, a psicologia pôde se colocar como uma ciência capaz de contribuir com referenciais teóricos e técnicos fazendo avançar os processos de aproximação entre sujeitos e o conhecimento acumulado historicamente, potencializando a formação de leitores.

Consideramos que o trabalho expresso no artigo restaure a importância que a intervenção em psicologia assume quando permite pensar o desenvolvimento do sujeito considerando sua inserção num contexto sócio-histórico e cultural suscitando reflexões sobre os modos pelos quais o contexto escolar participa da constituição do sujeito como leitor.

REFERÊNCIAS

ARENA, D. B. O ensino da ação de ler e suas contradições. **Revista Ensino em Re-vista**, vol. 17, p.237-247 da UFU – Uberlândia-MG. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista>> Acesso em: 02 de outubro de 2014.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática. 7ª edição, 2001

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente/ECA**, Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 7ª Ed. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 2012.

FERREIRA, E.A.G.R. **Construindo histórias de Leitura: A leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma “Biblioteca Viva”**. 2009.456 f. Tese (Doutorado em Letras)– Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, M. T. A. Sites construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita e subjetivação. **Cad. CEDES**. vol. 25 n.º.65 Campinas Jan./Apr. 2005. p.87-101.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 23 ed., 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4).



A psicologia como mediadora na formação de jovens leitores

GOMES, C. A. V.; MELLO, S. A. Sobre o lugar do sujeito na atividade de leitura. **Amazônida**, vol. 1, n. 1. Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2007. p. 27-42.

KLEIMAN, A. A concepção escolar da leitura. In:_____ **Oficina de leitura: teoria de prática**. Campinas: Pontes, 2002. p.15-30.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

REUEN, A. Práticas pedagógicas que estimulam a leitura. In PARANÁ. **O professor PDE e os desafios da escola pública Paranaense** - Volume I. Paraná, Governo do estado do Paraná, 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_utfpr_port_artigo_adriana_regina_feltrin_rauen.pdf> Acesso em: 20 de Dezembro de 2015.

VYGOTSKI, L. S. Obras Escogidas III. Madrid: Visor, 1995.

ZILBERMAN, R. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

